

A PRÁTICA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS CURSOS DE TECNOLOGIA

Silas Gutierrez¹

Artigo recebido em setembro de 2015

RESUMO

Neste trabalho, demonstra-se o tratamento do ensino de língua portuguesa em cursos superiores de tecnologia em instituições particulares na região do ABC paulista, utilizando os estudos sobre Gênero Textual realizados por Motta-Roth (2006), conceitos de comunicação empresarial propostos por Junior (1999) e Bueno (2003), pesquisa de campo sobre ementas e planos de aula. Além disso, discute-se o universo em que estão inseridas as aulas e se apresenta orientação pautada nas análises sobre contexto situacional elaboradas por Koch (2003).

Palavras-chave: Língua. Portuguesa. Ensino. Tecnologia.

ABSTRACT

The In this work, we demonstrate how it is treated the teaching of reading and writing in higher education technology, using studies on Gender Textual performed by Motta-Roth (2006), Corporate Communication concepts proposed by Junior (1999) and Bueno (2003) and one Field Research on menus and lesson plans. Furthermore, we discuss the universe in which they live classes and present an orientation guided the analyzes of Situational Context developed by Koch (2003).

Keywords: Portuguese. Language. Teaching. Technology.

¹ Doutor em Língua Portuguesa pela PUC/SP. Professor na disciplina de Comunicação e Expressão da Faculdade de Tecnologia da Zona Sul. E-mail: frenazo@ig.com.br.

1 INTRODUÇÃO

Tematizar o ensino de Língua Portuguesa para fins específicos, baseado em teorias linguísticas, torna-se profícuo à medida que a discussão reflete o pensamento de estudiosos e pesquisadores sobre o assunto. Sabe-se que é comum discutir práticas de ensino, fundamentando-se em experiências próprias e sem um suporte teórico que possa dar consistência e direção aos debates.

No trabalho, aborda-se a prática de ensino em Língua Portuguesa Instrumental (língua portuguesa voltada para determinado curso), doravante L.P.I., de cursos superiores em tecnologia. Para isto, têm-se como base, principalmente, os estudos sobre Gênero Textual realizados por Motta-Roth (2006) e pesquisa de campo envolvendo ementas e planos de aula utilizados na disciplina.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Iniciando, um breve panorama sobre o universo em que os cursos tecnológicos estão inseridos.

Na busca pela compreensão do desenvolvimento do Ensino Técnico no Brasil, percebe-se que esse ensino é marcado por uma tensão provocada por falta de definição, que resulta na dicotomia tanto do ponto de vista conceitual quanto do operacional; entre formação acadêmica e profissional. Nessa perspectiva, pode-se inferir que a formação do técnico industrial está inserida no segundo dos pólos da estrutura do campo de educação definida pelas políticas do capital, que se subdivide em uma educação propedêutica, que pressupõe um caminho à intelectualidade, o saber-pensar e, outro voltado especificamente para o ensino técnico-profissional ou para operacionalização *o saber-fazer* (BIAGINI, 2010, p.01).

É nessa tensão que se centraliza para discorrer sobre o papel da aula de L.P.I. no universo do *saber-fazer*, tendo como base que o foco do ensino tecnológico é destinado à qualificação prática da mão de obra demandada pelo mercado de trabalho.

Neste contexto, portanto, torna-se desnecessário que a aula de L.P.I. desenvolva a criatividade e o espírito crítico do futuro tecnólogo, já que o universo do *saber-fazer* é caracterizado, de acordo com Biagini (2010), por uma gestão empresarial centralizadora, autoritária e inflexível. Observa-se que não se alteram, em sala de aula, as relações de poder vigentes na suposta cultura empresarial.

Ainda nesta direção, é entendido que o tecnólogo executará um plano estabelecido pelo supervisor e cabe a aquele saber fazê-lo. E para isso, o cumprimento de regras passa a ser uma qualidade fundamental a ser aprendido. Pois, nesse sentido, o aluno, ao se formar, fará parte de uma organização empresarial que não admite ser questionada e não abre espaço para uma conversa de cunho crítico-reflexiva.

Entende-se que cabe à escola técnica mostrar ao aluno que o mundo das organizações é composto por estruturas altamente hierárquicas e que a eficiência está na obediência às normas. Essa forma de conceber o universo das organizações reflete-se na comunicação do aluno, como mero reproduzidor, por exemplo, dos esquemas apresentados pelos manuais de redação e gramáticas², confirmando o que realmente espera-se dele: o *saber-fazer*.

Portanto, urge refletir sobre a prática de ensino de L.P.I. nos cursos superiores em tecnologia, das instituições particulares analisadas, para uma mudança efetiva. Preparar o futuro tecnólogo para integrar um ambiente cuja gestão seja autoritária é desconsiderar novas formas de administração. Deve-se ter o cuidado para saber em qual contexto a aula está sendo pautada. Sabe-se que, atualmente, as organizações exigem profissionais criativos, críticos e articulados.

Junior (1999, p.33) discorre sobre o contexto das organizações modernas, “uma vez que as necessidades de mudanças na forma de gestão empresarial vêm se tornando imprescindíveis, é preciso encontrar novos modelos de gestão compatíveis com os desafios atuais e romper com os antigos paradigmas”. Sobre isso, o autor acrescenta que

Nesse processo de mudança, a contribuição da universidade passa a ser fundamental, pois enquanto instituição que exerce o pensamento crítico, reúne os elementos e as condições de encampar um trabalho que venha a oferecer à sociedade várias opções de gestão empresarial dentro do novo paradigma trazido pelos desafios da globalização (JUNIOR,1999, p.35).

² Estes materiais constam na bibliografia básica de algumas ementas. Citam-se dois como exemplos:

a) Redação: pensando, lendo e escrevendo, Ernani Terra e José de Nicola. Editora Scipione, 1996.

b) Curso Prático de Gramática, Ernani Terra. Editora Scipione, 1997.

O autor ainda conclui que “assim, a universidade cumpriria plenamente o seu papel por meio da realização de um trabalho concreto de interpretação, análise e criação de mecanismos de mudanças para diversos segmentos da sociedade, capazes de romper com os modelos do passado, efetuando a passagem para uma transformação social exigida”.

Bueno (2003) recorda que na década de 1970, a comunicação interna de uma empresa era marcada pelo autoritarismo, pelo desestímulo à participação e ao diálogo.

O pesquisador enfatiza que hoje, o mercado está passando por um processo de renovação e as organizações que desejarem permanecer precisam ser rápidas nas implementações de novos procedimentos, no domínio de novas linguagens, tecnologias e na maneira de se relacionar com seu público de interesse.

Ao analisarmos o plano de aula³ de L.P.I. dos cursos superiores, nota-se que a tecnicidade do curso reflete-se no próprio planejamento do plano de aulas que abrange apenas estudos que privilegiam os conteúdos gramaticais e a apresentação de regras e normas para o desenvolvimento da produção escrita.

Importa refletir sobre o desafio de ensinar aos futuros tecnólogos a interagirem com os mais diversos textos que circulam na sociedade. Um trabalho feito em sala de aula que se inicia no desenvolvimento da percepção do aluno por meio de atividades⁴ que o faz identificar o uso da linguagem em diferentes grupos sociais, aprendendo a reconhecer o espaço discursivo dentro de contextos específicos.

Deixando claro ao aluno, que é pela linguagem que se representa e articula o mundo. Portanto, o ensino de L.P.I. deve abranger não somente esquemas e normas, mas uma reflexão mais profunda sobre o alcance e dimensão da linguagem.

Ensinar uma língua é ensinar a agir naquela língua, identificando os usos da linguagem pela atividade social que lhes dá visibilidade, ampliando a concepção de língua para além das regras morfosintáticas. Como uma forma de estar no mundo, um modo de agir sobre si e sobre os outros e, assim, produzir significado (MOTTA-ROTH, 2006, p.496).

O conceito de gênero pressupõe uma interconexão entre fatores textuais (da linguagem) e contextuais (das relações sociais envolvidas). Na visão de Marcuschi *apud* Rangel (2008,

³ Conforme apresentado na pesquisa de campo tratada mais adiante.

⁴ Refere-se às atividades didáticas com base em concepções de gêneros textuais.

p.2) “deve-se compreender os gêneros como formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”. Além disso, os gêneros textuais são definidos, basicamente, por seus propósitos (funções, intenções e interesses) e não somente por suas formas.

E é por meio do estudo dos gêneros que o aluno reflete sobre as posições sociais dos interlocutores no interior de uma determinada cultura. Esse aprendizado leva a uma reflexão mais ampla sobre a relação entre língua e sociedade.

Nesse sentido, ressaltam que a vida social contemporânea exige o desenvolvimento de habilidades comunicativas, possibilitando uma interação participativa e crítica no mundo social. Além disso, há três aspectos básicos que envolvem a língua: o contexto do que se fala, quem fala e como se fala (MOTTA-ROTH e MEURER *apud* RANGEL, 2008, p.08).

3 MÉTODO

Entre setembro e novembro de 2014 foi realizada pesquisa de campo sobre a prática de ensino na disciplina de Língua Portuguesa⁵ nos cursos superiores em tecnologia de Gestão Financeira, Automação Industrial, Qualidade da Gestão e Logística.

Na tentativa de saber como as faculdades e universidades analisadas divulgam seus cursos superiores em tecnologia, pesquisou-se nos sites e catálogos de propaganda dessas instituições e se resume a seguinte noção: O curso em tecnologia visa formar profissionais para atender campos específicos do mercado de trabalho, seu formato é mais compacto, com duração menor que a dos cursos de bacharelado.

Todos têm duração de seis semestres e a disciplina de L.P.I. aparece apenas no primeiro, com carga horária total de 40hs/aula.

Para a pesquisa, coletaram-se ementas e planos de aula⁶ em oito instituições particulares, sendo cinco faculdades e três universidades da região do ABC paulista. Esta região compreende três grandes cidades, acolhe mais de um milhão de habitantes e é reconhecida como polo industrial.

⁵ Em algumas instituições pesquisadas, a disciplina aparece intitulada no plano como Língua Portuguesa Instrumental e em outras, Comunicação e Expressão.

⁶ Segue, anexo, a reprodução de um plano de aula e uma ementa de nosso *corpus*.

Todas as instituições pesquisadas têm mais de mil alunos, regularmente matriculados em cursos de bacharelado, licenciatura e tecnologia, possuem laboratórios de química, informática e mecânica, estão localizadas em áreas de fácil acesso e são bem vistas pela comunidade. Embora particulares, o perfil do futuro tecnólogo é de baixa renda, tem urgência em obter um melhor emprego no mercado de trabalho e é oriundo da escola pública.

Alguns planos de aula e ementas foram cedidos, espontaneamente, por colegas e outros, pela coordenação pedagógica das instituições pesquisadas (ver anexo A). Por questões éticas e por não interessar a pesquisa, mantiveram-se os nomes dos professores e das instituições em sigilo. Atentou-se, principalmente, a parte de leitura e redação e forma observadas, também, a bibliografia utilizada para as aulas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cabe ainda frisar que não há uma sistematização sobre o conceito de ementas e planos de aula. Entende-se que, muitas vezes, esses documentos são vistos apenas como parte burocrática do trabalho do professor e não como um material informativo-referencial que fornece subsídios para acompanhar e/ou analisar o rumo das aulas.

Neste trabalho, ementas e planos de aula devem ser entendidos na ótica de Santos (2005) como “uma base a partir da qual se realiza um trabalho cuja prática determina as condições de realização das propostas curriculares”. Gatti et al (2009) compartilham a mesma ideia ao afirmar que:

A adequação do texto das ementas à abordagem central em termos de conteúdos e objetivos a serem trabalhados em sala de aula torna-se relevante por: a) revelar o que o próprio professor conhece e sabe dizer de forma sintética sobre o conjunto de temas a serem abordados; b) comunicar aos alunos os compromissos da disciplina, auxiliando no acompanhamento do currículo. O acesso dos alunos aos programas de ensino tem viabilizado movimentos discentes mais fundamentados e críticos em relação ao trabalho dos docentes (GATTI et al, 2009, p.231).

Sobre este assunto, Sacristán *apud* Barros (2009, p.13) observa que “planos e ementas não podem ser analisados como objetos estáticos, mas como a busca de um equilíbrio entre

vários compromissos”. E Gatti et al (2009, p.231) problematizam esta questão afirmando que o “entendimento a respeito da própria redação de uma ementa é diverso. A grande maioria dos docentes entende que se deve registrar uma lista de temas que forma o conjunto dos conteúdos do semestre ou ano”.

O interesse no estudo sobre esses materiais fundamenta-se, segundo Santos (2005, p.9) no “reconhecimento da importância e influência desses documentos no contexto escolar e da necessidade de uma constante atualização que serve como diretrizes para o ensino”.

Embora o recorte desta pesquisa seja bastante estreito e pontual, a abordagem é diagnóstica, pois as ementas e planos revelam o tipo de proposta de ensino e conteúdo para desenvolvimento escolhido pelo professor responsável.

Destacam-se os seguintes temas encontrados nos planos de aula das instituições pesquisadas:

- a) Redação comercial (currículo, resenha, resumo e relatório);
- b) Pontuação, crase e acentuação gráfica;
- c) Regência e concordância;
- d) Tópicos de revisão da nova ortografia;
- e) Vícios de linguagem;
- f) Colocação dos pronomes; e,
- g) Linguagem denotativa e conotativa.

Os materiais utilizados na bibliografia básica eram, principalmente, manuais de redação e gramática.

Percebeu-se que a redação é ensinada respeitando o esquema proposto pelo manual. Não se observou menção a um trabalho que envolva gêneros textuais. A maioria dos alunos que procura o curso tecnológico não tem vivência na nova área de trabalho. Portanto, se acredita que a aula de L.P.I. deveria se enveredar pelo contexto de uso da linguagem, considerando a situação comunicativa em que se encontram os interlocutores, explorando aspectos característicos da linguagem como ferramenta para a comunicação empresarial.

Com essas noções, tornar-se-ia factível desenvolver e aprofundar diferentes temas na aula de L.P.I., pois haveria um estudo sobre a contextualização de produção e uso da língua. Segundo Koch (2003, p.23), “toda e qualquer manifestação de linguagem ocorre no interior de uma determinada cultura, cujas tradições, usos e costumes devem ser observados”.

Wilson Bueno esclarece que

O uso crescente de novas tecnologias incorpora outros problemas à realidade comunicacional das nossas organizações, porque definem mídias novas, com linguagens e formatos pouco estudados, mas que terão cada vez mais importância no cotidiano das empresas, impactando seus resultados e sua reputação (BUENO, 2003, p.160).

Bueno (2003, p.163) segue afirmando que “o mercado, interessado em contar com soluções adequadas e rentáveis, precisa estimular a universidade a investigar esses novos processos, estabelecendo parcerias e promovendo, mediante associações de professores e executivos, pesquisas na área da comunicação”.

É nesse sentido que o estudo sobre gêneros textuais assume um papel imprescindível, pois faz com que o aluno obtenha subsídios para produção de texto. Mas para isto, o professor deve ter uma visão social da linguagem, enfatizando sua prática em atividades escolares relacionadas a situações sociais específicas do grupo, oportunidades de aprendizagem, muitas vezes, oferecidas apenas pela universidade.

Ao se examinar as ementas e planos de aula, observou-se que os conteúdos de produção textual são ministrados em esquemas, de forma fragmentada, explorando exercícios gramaticais em frases isoladas.

Uma das razões pelas quais o ensino de língua materna não tem sido satisfatório pode ser a insistência em ensiná-la a partir de regras gramaticais e fora do contexto de seu emprego, isto é, fora do texto. Por isso, é compreensível que os alunos não aprendam a escrever, de acordo com o padrão culto da língua, pois reconhecem a artificialidade de seu uso em exercícios puramente mecânicos (PETRONI, 1996, p.101).

Motta-Roth (2006) afirma que os PCNs (Parâmetro Curricular Nacional) fazem referência à “necessidade do aluno ser educado para relacionar e adequar as relações entre texto e contexto, estabelecer escolhas que são postas a seu dispor pelo sistema léxico-gramatical da língua e o contexto de uso da linguagem, isto é, a situação social em que se encontra”.

5. CONSIDERAÇÕES

Assim, ao se analisar o *corpus* de pesquisa como um panorama da região do ABC paulista, observamos que as concepções de gêneros textuais não foram mencionadas. Por fim se constatou que por um lado, têm-se teses embasadas em teorias de ensino de grandes estudiosos, por outro, uma prática na contramão do proposto. Longe este estudo ser exaustivo, a sua reflexão gira em torno desta distância entre pesquisa e prática. Aponta-se neste artigo, o panorama para contribuir com reflexões que se fará investigar este espaço sem delimitações, ainda inconclusivo.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Flávia Moreira Barroca de. O currículo como instrumento da formação profissional do técnico em agropecuária: o caso da central de ensino e desenvolvimento agrário florestal. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa. Minas Gerais: 2009.
- BIAGINI, Jussara. Revisitando momentos da história do ensino técnico. In: V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2001. Ouro Preto. Disponível em:<URL><http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu1713.htm>. Acesso em: 08 de dezembro de 2014.
- BUENO, Wilson da Costa. Comunicação empresarial. São Paulo: Manole, p.369, 2003.
- GATTI, Bernardete et al. Avaliação dos currículos de formação de professores para o ensino fundamental. Revista Estudos em Avaliação Educacional. São Paulo, v.20, n.43, p.215-234, 2009.
- JUNIOR, Moisés Francisco Farah. A empresa brasileira e os desafios da globalização: o papel da pesquisa científica na busca de novos modelos de gestão. Rev. FAE, Curitiba, v.2, n.2, p.33-40,1999.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, p.168, 2003.

MOTTA-ROTH, Déssirée. O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais. Revista Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 495-517, 2006.

PETRONI, Maria Rosa. A teoria da relevância e o ensino de língua materna. In: Anais do VI Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa. São Paulo: IP-PUC/SP, p.101-110,1996.

RANGEL, Eliane Fátima Manente. O gênero textual carta do leitor no ensino de linguagem. In: VIII Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, Porto Alegre. Anais do CELSUL, p.01-12, 2008.

SANTOS, Nilze Cristina dos. Currículo de língua portuguesa: uma análise do processo de enunciação do gênero curricular. Revista Veredas Favip. Caruaru, v.2, n.1, p.8-18, 2005.

ANEXO A

O Quadro 1 apresenta o plano de aula e, em seguida, é mostrada a ementa, reproduzidos do corpus como ilustração para o artigo. Como enfatizado, por razões éticas e por não interessar ao trabalho, retirou-se os nomes das instituições.

Quadro 1 – Plano de Aula

Data	Conteúdo
04/08	Apresentação da disciplina
05/08	Apres. do Manual da Nova Ortografia (trema, alfabeto, hífen)
11/08	Acento diferencial / hiatos / ditongos abertos / verbos
12/08	Lista de Exercícios - Correção
18/08	Trabalho em equipe sobre o Manual da Nova Ortografia
19/08	Concordância Nominal: explicação e exercícios
25/08	Concordância Nominal: explicação e exercícios
26/08	Concordância Verbal: explicação e exercícios
01/09	Concordância Verbal: explicação e exercícios

02/09	Regência Verbal: explicação e exercícios
08/09	Regência Verbal: explicação e exercícios
09/09	Regência Nominal: explicação e exercícios
15/09	Regência Nominal: explicação e exercícios
16/09	Trabalho em equipe sobre Concordância e Regência: Lista de exercícios.
22/09	Uso da vírgula / ponto / travessão / ponto-e-vírgula / dois pontos
23/09	Aspas / ponto de exclamação e interrogação / reticências
29/09	Trabalho em equipe sobre Pontuação Gráfica
30/09	Prova (1) Prova individual atendendo ao calendário acadêmico
06/10	Semana de eventos
07/10	Semana de eventos
13/10	Uso da Crase: uso obrigatório
14/10	Uso da Crase: uso facultativo
20/10	Lista de exercícios sobre Crase
21/10	Trabalho em equipe sobre Crase
27/10	Redação Técnica: Carta-Oficial - esquema gráfico / modelo
28/10	Redação Técnica: Contrato-esquema gráfico / modelo
04/11	Redação Técnica: Currículo - esquema gráfico / modelo
10/11	Redação Técnica: Ofício - esquema gráfico / modelo
11/11	Semana de Provas
17/11	Semana de Provas
18/11	Exames
24/11	Exames
25/11	Apresentação de TCC
01/12	Apresentação de TCC
02/12	Apresentação de TCC

Ementa

Disciplina: Português Instrumental

Carga Horária: 40 h/a

Ementa: Esta disciplina objetiva preencher alguns gaps que o aluno traz de sua formação anterior, através da revisão de tópicos estudados no ensino médio, o aluno aprenderá tópicos importantes para produção textual.

Conteúdo: Manual da Nova Ortografia / Crase / Concordância Nominal e Verba / Lista de dificuldades mais frequentes: A fim ou afim? A par ou ao par? Haja visto ou haja vista? A princípio ou em princípio? Redação Técnica (esquemas): Carta-oficial / Contrato / Memorando / Ofício / Coesão e Coerência/ Pontuação.

Objetivo: o aluno deverá revisar princípios gramaticais de modo a obter um conhecimento teórico sobre o funcionamento da língua portuguesa e reconhecer técnicas de redação comercial.

Estratégia de Ensino: Aulas expositivas com utilização de recursos audiovisuais sempre que possível; discussão sobre o conteúdo; exercícios e atividades realizados individualmente e em grupos.

Bibliografia: Redação: pensando, lendo e escrevendo, Ernani Terra e José de Nicola. Editora Scipione, 1996. Curso Prático de Gramática, Ernani Terra. Editora Scipione, 1997.